



Pedagogias nativas: as dinâmicas de circulação do saber nas batucadas de Córdoba

Comunicação

Caio Bertazzoli
Universidade Federal da Paraíba
caiobertazzoli@gmail.com

Resumo: Neste trabalho apresento resultados parciais e experiências vividas em campo da minha pesquisa de mestrado, relacionados ao campo da pedagogia. A partir da análise das situações vividas e em diálogo com as áreas de educação musical, etnomusicologia e percussão, mostro algumas características e dinâmicas particulares de transmissão, ou reverberação, de saberes em grupos de batucada da região de Córdoba, na Argentina. Entendendo que existe dentro de cada grupo uma pedagogia nativa, busco lançar um olhar investigativo que possa trazer novas perspectivas ao ensino da percussão e da música popular em geral.

Palavras-chave: batucada, percussão, etnopedagogia

Batucando em Córdoba

A batucada é uma manifestação percussiva com forte função social e comunitária, estando normalmente ligada ao carnaval, mas que pode existir em outros contextos como em torcidas de futebol, manifestações políticas, competições e outros contextos, variando seu formato e instrumentação.

Dentro desse tipo de agrupação, as múltiplas formas com que a dinâmica de ensino e aprendizagem ocorre é uma das características marcantes e que determina a sonoridade do grupo, a relação entre seus integrantes e a comunidade onde está inserida. Isso ocorre nas escolas de samba do Brasil, nos blocos de carnaval, batucadas de torcida, etc, e não é diferente nas dezenas de grupos com os quais tive contato estreito atuando na província de Córdoba, na Argentina, por nove anos. Durante esse período, pude ser testemunha e participante de várias dessas dinâmicas ao atuar como ritmista, mestre de bateria, professor



ou jurado em competições dentro do universo batuqueiro argentino. Foram mais de 70 grupos em 45 cidades diferentes e todas essas experiências fazem parte do meu trabalho de pesquisa sobre o assunto.

Na minha pesquisa, busco entender a identidade sonora de algumas dessas agrupações levando em conta o contexto social onde estão inseridas, características sonoras e as dinâmicas de ensino e aprendizagem internas. Aqui neste artigo, irei compartilhar aspectos pedagógicos que encontrei em tantos desses grupos e que mostram a presença de uma pedagogia nativa, ou etnopedagogia (PRASS, 1998).

Dizer que os grupos têm lógicas próprias de transmissão do conhecimento não significa que não compartilhem muitas práticas e ferramentas no momento de aprender e de ensinar. Cada grupo possui suas particularidades, sua pedagogia nativa, que obedece às circunstâncias nos quais estão inseridos, mas existem muitas práticas que são comuns a vários grupos. Algumas características são mais frequentes, outras mais específicas a cada grupo, mas de forma geral podemos notar como existe uma adaptação das ferramentas pedagógicas ao contexto onde estão inseridos.

“Há instrumentos suficientes para todos? Há pessoas suficientes querendo tocar para que o grupo se mantenha? Temos baquetas suficientes? Existe uma pessoa capaz de tomar um papel de liderança musical? Temos um espaço disponível para ensaiar? Temos um espaço fechado para ensaiar em dias de chuva? Existe apoio do poder público local? Existe apoio da comunidade local? Até que horas podemos ensaiar sem que o barulho incomode os vizinhos? Existe um carnaval local ou temos que viajar para nos apresentar? Como juntamos dinheiro para fazer nossas fantasias?”

Essas são apenas algumas das questões que os integrantes das batucadas devem solucionar para poder funcionar. São questões que refletem uma série de dificuldades e que determinam como o grupo irá funcionar, o propósito do grupo, a dinâmica das relações entre os integrantes e finalmente, como serão as dinâmicas pedagógicas. É importante notar que essas circunstâncias variam muito dentro do universo das batucadas de Córdoba. Encontrei grupos com excelente nível técnico e instrumentos de ótima qualidade e outros que usavam mangueiras cortadas no lugar de baquetas devido à falta de recursos. Encontrei batucadas tocando no meio de uma plantação em um povoado de 2000 habitantes, e outras em pleno

centro urbano. Existem grupos com um líder com acesso à informação e boa formação musical e grupos com quase nenhum acesso à informação e liderança distribuída entre vários integrantes. Há batucadas em favelas ou mesmo dentro do lixão e batucadas em bairros nobres, etc. As circunstâncias são tão variadas quanto absolutamente diferentes entre os grupos, formando então um universo variado, complexo e multidimensional. Dentro dessa realidade, as soluções pedagógicas encontradas pelos integrantes são igualmente diversas.

Figura 1: Batucando com um integrante da “Batucada del Vado”, em Río Segundo (Córdoba, Argentina), bairro localizado dentro de um aterro sanitário.



Fonte: arquivo pessoal



Em uma manifestação de tradição eminentemente oral como as batucadas, a transmissão do conhecimento acontece de maneira dialógica, interativa e multidimensional, ou seja, através de uma “reverberação de saberes” (MESTRINEL, 2019), entendida como: “uma relação dinâmica entre variados tipos de conhecimentos, habilidades e conteúdos que afetam-se continuamente dentro de um contexto e espaço de aprendizagem” (MESTRINEL, 2019, p. 01).

Como parte de um trabalho em andamento, compartilho algumas características pedagógicas que pude identificar após meus anos de convivência com os grupos da província.

A circulação do saber entre as batucadas da região

Observei, por exemplo, como alguns grupos executavam breques e frases que haviam aprendido ao ver outras batucadas em encontros ou competições das quais participaram. Essas batucadas, por sua vez, haviam aprendido esses breques vendo outras batucadas, e assim por diante. Dessa forma, notei como se formava no ambiente das batucadas e através do contato de umas com as outras, uma teia de conhecimentos que circulavam de uma para outra. Vi esse fenômeno acontecendo partindo da minha própria escola de samba, que eu fundei na cidade de Córdoba. Em determinado momento, começamos a executar como parte do nosso repertório uma subida de tamborim que era originalmente da escola de samba de São Paulo, Nenê de Vila Matilde. Ao nos apresentar pela cidade e em encontros e competições, os outros grupos aprenderam a frase e logo diversos grupos da cidade estavam executando a mesma subida, mas com algumas variações. Uma frase que começou em uma escola de samba tradicional de São Paulo terminou sendo tocada por uma batucada no interior da província de Córdoba que certamente não conhecia sua origem.

Notei também em tempos mais recentes como algumas vezes alguns vídeos ou áudios de baterias de escola de samba do Brasil circulavam de forma mais intensa nas redes sociais e whatsapp das batucadas cordobesas. Esses vídeos ou áudios virais acabavam influenciando diversos grupos e era nítido nos carnavais e encontros de batucadas como algumas frases e breques se repetiam.

Existiam também alguns breques tão famosos e repetidos entre os grupos que já



havam se tornado verdadeiros clichês, como o esquentado da bateria da gravação de “Fanfarra - Cabua-Le-Le” do disco “Brasileiro” de 1992 de Sérgio Mendes e o breque do samba-enredo de 1994 da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. Para minha surpresa, com todos os integrantes de batucadas com quem conversei em todos esses anos nenhum sabia a origem desses breques. Eles eram passados de um grupo a outro, sofrendo pequenas mutações e sendo incorporados de formas diferentes por cada um.

Aprendizagem grupal e prática

A forma com que se aprende em uma escola de samba e nas batucadas de Córdoba pode ser similar. Alguns grupos mais avançados tecnicamente e com objetivos de competir em alto nível fazem uma seleção de novos integrantes, com audições parecidas às famosas “peneiras” das baterias de escola de samba do Brasil. Outros oferecem aulas separadas dos ensaios e em outros se aprende ensaiando.

Os grupos que optam por selecionar tocadores são raros, já que a disponibilidade de ritmistas que já sabem tocar e são tecnicamente mais avançados é muito pouca em Córdoba. Normalmente para que uma batucada seja viável é necessário que exista alguma instância de ensino e aprendizagem. A maioria dos grupos funciona de uma forma em que os ensaios, as aulas e a performance se misturam e se confundem. Aprender a tocar ensaiando e até mesmo se apresentando, permite que pessoas que não poderiam tocar determinadas frases ou ritmos sozinhas possam fazê-lo em um contexto grupal. A força grupal provê um espaço de segurança para que o iniciante consiga tocar sem tanta inibição, coberto e protegido pela sonoridade do grupo, que se sobrepõe ao volume do seu instrumento individual. Esse funcionamento híbrido e com fronteiras pouco claras entre ensaio, aula e apresentação configura a situação de aprender na prática. Essa forma de aprendizagem é “ao mesmo tempo contexto e objeto, caminho e destino” (WENGER, 2001, p.124), ou seja, a etnopedagogia de cada grupo é o processo e também a estrutura do grupo, é definidora de sua identidade sonora. Aprender batucando não é uma maneira de alcançar um objetivo de produzir um resultado sonoro, mas é parte constante do seu funcionamento.

Há muito tempo escutei de um mestre de bateria de escola de samba que uma



verdadeira escola deve ter os mais experientes e mais velhos tocando junto com os novos e iniciantes, se não, não é uma escola de verdade. De fato, essa lógica é predominante no mundo batuqueiro de Córdoba.

Para aprender na prática, os participantes devem se comprometer com o projeto e constantemente negociar a sua participação, aceitando regras, valores, símbolos e práticas, ao mesmo tempo que são novas forças que podem dinamizar esses mesmos elementos, propondo e causando mudanças. Esse mecanismo, comum a grupos de manifestações populares, fica claro também nos diversos grupos com os quais pude conviver em Córdoba.

Aprendizagem mimética

Outra função importante do grupo é possibilitar a aprendizagem mimética. Os iniciantes observam os movimentos corporais dos mais experientes, a forma com que seguram as baquetas, como penduram o tambor em seus corpos e como se movimentam de forma geral. A transmissão da corporeidade da batucada acontece muitas vezes de forma indireta, via observação e imitação. Instruções detalhadas sobre como colocar o corpo e perceber o próprio corpo no contexto da batucada são raras, e normalmente as instruções aos recém chegados se limitam a como segurar a baqueta e como pendurar o instrumento. Pode-se notar claramente como em alguns grupos existe uma mimese entre os integrantes na forma de tocar.

Em algumas batucadas, por exemplo, tocar bem significa tocar forte. Eu notava então que todos os integrantes, principalmente os que tocavam os surdos, executavam seus instrumentos com a maior força possível. Em um determinado momento, dando uma oficina para uma batucada no interior de Córdoba, pedi para que um grupo tocasse um pouco antes de começar a aula, assim poderiam apresentar o que vinham fazendo. Eles utilizavam surdos sem a pele de resposta (a pele de baixo do tambor) e ao me aproximar e caminhar no meio dos instrumentos enquanto tocavam, senti como o ar se deslocava por baixo dos tambores quando os surdistas tocavam, tamanha a força com que batiam as macetas nos surdos.

A aprendizagem mimética faz parte da dinâmica dos grupos e a corporeidade proposta por cada batucada coletivamente se propaga entre os integrantes. Nesse sentido, cada grupo

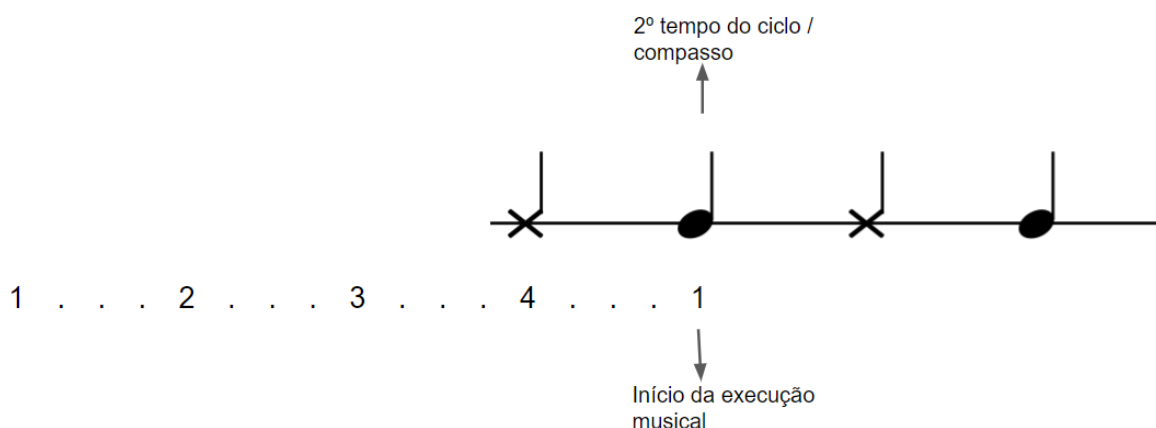


tem sua própria pedagogia. Ao propor uma maneira de se relacionar corporalmente com a batucada, com o ato de bater, os integrantes mais velhos estão ensinando aos mais novos como se comportar corporalmente. Em outros grupos, notei que a corporeidade está mais relacionada à movimentos mais contidos e relaxados e em outros predominam as coreografias e passos com os instrumentos, numa verdadeira dança com tambores.

A transmissão do saber

Como a grande maioria das manifestações populares, a transmissão do conhecimento acontece pela oralidade e não por partituras. No entanto, na última década também existe a absorção do conhecimento por meio visual e auditivo, através de vídeos do youtube ou outras redes sociais. A presença dessa ferramenta mudou a dinâmica dos grupos, dando maior autonomia ao integrante que queira estudar sozinho, antes ou depois das aulas e ensaios. O papel facilitador do professor ou líder do grupo em transmitir o saber continua tendo importância vital, mas agora ele não é mais o detentor do conhecimento como poderia acontecer antes. Isso permitiu a ocorrência de vários fenômenos interessantes na dinâmica pedagógica dos grupos e entre os grupos. Mesmo com essa nova ferramenta, durante as aulas e ensaios a comunicação entre os integrantes e os líderes da batucada com os integrantes é feita via oral. Os breques e frases são explicados por onomatopéias e em seguida tocados para que o restante tente imitar. Contagens de tempo ou compasso não tem rigor formal e variam segundo as circunstâncias. É comum encontrar contagens em que o início da frase é contado com o número um (1), mesmo que essa frase não comece no início do ciclo rítmico. No exemplo a seguir, vemos como a contagem para a entrada do surdo no samba “atravessa” a ideia tradicional de início do compasso. Mesmo que o surdo de marcação do samba toque no segundo tempo do ciclo, é comum a ocorrência da contagem do diretor acontecer para que esse instrumento comece tocando no número um da contagem.

Figura 2: Contagem e ponto de início da execução



Fonte:

Encontrei esse tipo de ocorrência tanto em escolas de samba que frequentei em São Paulo como nas batucadas em Córdoba, o que faz desse recurso uma característica dos grupos de batucada em geral.

Conclusões preliminares

As conclusões preliminares que derivam da minha pesquisa, as quais apresentei neste artigo, são uma parte da análise das situações vividas em campo por mim. Essas análises são apenas um fragmento do que pauta meu olhar sobre o fenômeno e não estão completas sem a contrapartida: as entrevistas que farei com os integrantes das batucadas. Essa etapa da minha pesquisa permitirá que os protagonistas possam dar a sua visão sobre os processos pelos quais eles passam no âmbito pedagógico (além de outros âmbitos relevantes para o meu trabalho). Após as entrevistas poderei expandir meu olhar sobre este fenômeno que, como apontei ao princípio, é variado, complexo e multidimensional. Entendo essa rica multidimensionalidade, poderemos entender a multiplicidade de propostas pedagógicas que existem nas batucadas e que podem nos oferecer soluções e alternativas aos caminhos tradicionais que conhecemos do ensino da percussão e da música popular em geral.

Desde a minha experiência no mundo batuqueiro, acredito que a melhor forma de compreender os saberes da batucada e seus processos (pedagógicos e outros) é a partir da



experiência pessoal dentro dela. Segundo Jorge Bondía: “(...) o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal.” (p. 27). Portanto, batuquemos!

Referências



BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In.: Revista Brasileira de Educação, nº 19, p. 20-28, jan/fev/mar/abr 2002.

MESTRINEL, Francisco de Assis Santana. Reverberações de saberes na batucada de samba. In: Anais ABEM, 2019.

PRASS, Luciana. Saberes musicais em uma bateria de escola de samba: uma etnografia entre os "Bambas da Orgia". Dissertação de mestrado em música. UFRGS, 1998.

WENGER, Etienne. Comunidades de prática: aprendizaje, significado e identidad. Barcelona: Paidós, 2001.